

UM CONTO DE NATAL DE  
**CESAR BRAVO**



ATO DE CONSTRICÃO Nº 5

DARKSIDE





C O N T O S

D E N A T A L

D A R K

DARKSIDE

UM CONTO DE NATAL DE  
**CESAR BRAVO**

**ATO DE  
CONSTRIÇÃO  
NÚMERO 5**

“Amplificador é um equipamento que utiliza uma  
pequena quantidade de energia para  
controlar uma quantidade maior.”

— Definição popular —

Se existe algo encantador no absurdo, é a possibilidade de que essa substância, essa quase sugestão do impossível possa, de alguma forma, se manifestar.

Sem nenhum motivo sólido, Raul sentia-se sequestrado por essa promessa há algum tempo, flertando com o inadmissível, questionando a realidade, abraçado a crenças infantis. Durante o dia, Raul trabalhava na loja de calçados Gato de Botas. Nos horários de descanso, cochilava sem perceber. Mas a infinidade de suas noites era tomada pela curiosidade e pelo receio.

Nada parecia confiável em sua casa. A geladeira galopava como se alguém a golpeasse por dentro, o cachorro rosnava para a mesma parede todas as noites, a tv da sala trazia gemidos dolorosos diluídos em sua programação esquecida, aberrações que poderiam ser qualquer coisa, menos criações humanas. Nesses momentos de horror e espanto

— justificáveis mesmo para a maioria das pessoas adultas —, Raul muitas vezes também experimentava outras sensações, uma espécie de energização. Uma euforia inexplicável. Um gozo.

Mas foi apenas no quarto sábado de dezembro, último antes do Natal, que sua imaginação encontrou ecos na realidade. Por volta das dez da manhã, já entediado com o meio expediente que parecia se alongar a cada minuto, a atenção de Raul se enganchou no outro lado rua.

— O que ele tá fazendo dessa vez? — perguntou para Sophia, a moinha que cuidava do estoque.

A ruiva estreitou os olhos para se livrar da luz excessiva da primeira metade do dia e respondeu:

— Seu Thierry? Ele ficou meio louco. Parece que ele quase morreu no hospital. Escapou por...

— Um milagre — completou Raul, em um tom de leve devaneio.

Todos conheciam a história; mesmo sem acreditar, todos tinham sua própria versão dos fatos. A recuperação milagrosa do técnico em eletrônica mais antigo de Terra Cota havia se tornado uma espécie de lenda urbana entre os mais jovens. Existiam outras, claro que sim. A criatura da caverna de quartzo era uma delas, as aparições fantasma nos televisores era outra, e os milagres dos falecidos Doracélia e Belmiro Freitas pareciam se espalhar como sementes de mato.

Naquela manhã, Thierry segurava um microfone direcional. O aparelho contava com uma cúpula parabólica na área da captação e uma pequena caixa amplificadora conectada ao conjunto. Usava fones da década de setenta (ou ainda mais antigos).

Por alguma razão — tédio, ansiedade ou uma curiosidade invencível —, Raul decidiu deixar seu posto, atravessar a rua e falar com ele.

O homem chamado Thierry não se abalou, e continuou movendo o aparelho na direção da calçada, de um lado a outro, varrendo o ar.

— Bom dia — cumprimentou Raul, sendo tratado como um poste. O rapaz insistiu e perguntou o que o velho fazia ali.

— Hã? — Thierry perguntou de volta, sem tirar o fone dos ouvidos.

— O que o senhor tá fazendooooo? — Raul perguntou mais alto, quase um grito.

Dessa vez o técnico girou um botão da caixinha amplificadora e desceu os fones ao pescoço.

— Eu *estava* ouvindo.

Raul já reformulava sua próxima pergunta quando perdeu a postura com a passagem de um rato. O bicho era enorme, gordo, tinha quase o tamanho de um gato. Assim que pulou do bueiro, atordoado com a luz da manhã, cruzou o espaço entre as pernas de Raul e só depois reencontrou a direção do asfalto. O podrinho deu cinco passos rápidos e então uma caminhonete o converteu em uma pasta de sangue e pelos. Com a pressão, a cabeça foi desplugada do tronco e atirada a um metro do cadáver. As tripas escorreram pela traseira.

— Eles estão nervosos — disse o velho, dono de uma calma irritante.

Raul manteve a expressão de nojo.

— Eles, os ratos — reforçou Thierry. — Estão por todos os lados, saindo por todos os buracos. E não são só eles. As baratas, os carrapatos, as formigas, acho que todas as coisas nojentas da natureza estão subindo. Até as lesmas estão desorientadas.

— Era isso que o senhor estava escutando?

— Não, eu quero descobrir o que está apavorando os coitados.

O velho abriu uma pequena maleta de couro que estava ao lado e começou a juntar seu equipamento. Desconectou o fio do microfone, depois tirou a cúpula parabólica. Enrolou tudo junto e guardou na maleta.

— Eu também ouvi uma coisa — disse Raul. — Lá em casa. Mais de uma vez.

— Humm... — o velho resmungou, bem pouco interessado.

— Não é um som normal que todo mundo ouve, é um barulho fininho, dá dor de cabeça na gente. Faz mais de um mês que eu não consigo dormir direito.

— Maracujá é bom — disse o velho e fechou sua maleta. Levantou-se e tomou sua direção. Em alguns passos acabou se rendendo e devolveu a atenção ao rapaz. O molecote parecia não dormir há dois meses. As olheiras já estavam enrugando.

— Tem um som, sim — disse Thierry —, eu ainda não consegui rastrear de onde vem. Muito menos o que é.

- Se os ratos tão fugindo... deve ser lá de baixo, né?
  - Pode ser alguma coisa no ar que a gente nem percebe. Humanos são distraídos, filho, e meio burros. Com os animais é diferente. Um animal precisa ter foco pra continuar vivo.
  - Será que é perigoso? Pra gente?
  - Na dúvida, eu ficaria longe. Quando um bicho corre, um humano esperto faz o mesmo, entende?
- Raul entendia, sim, mas preferiu continuar calado.

Naquela noite, em vez de se refugiar nos lençóis, Raul preferiu continuar atento e deixar o sono para outro dia. O ruído começou bem cedo, inofensivo como um perfume, suave como um suspiro. Agora, entrando na madrugada, o som estava agudo e óbvio. Raul continuava deitado, os olhos abertos no teto, os ouvidos longe do travesseiro.

Muitas vezes à noite, principalmente nas madrugadas, ele podia ouvir a respiração de Terra Cota. Era um sibilo cansado e moroso, como os pulmões de alguém que fumou a vida inteira. Sentia que tudo ao seu redor estava com essa mesma textura, um tom adoecido, destemperado, fora do eixo. Não tem muito tempo ele era um menino. Foi a última vez que a vida conseguiu ser boa. Depois disso, tudo o que prevalecera foi a sensação de que algo estava corrompido no sistema das coisas.

Com a insônia prolongada, os ruídos aumentaram, alcançando uma frequência grave e incômoda, um pouco parecida com a realimentação de um amplificador. A pele seguia se arrepiando em ondas, não era de todo ruim. De certa forma, aquilo o alimentava. O excitava.

Quais os riscos de se permitir tais sensações? Era seguro se faltar de uma energia tão invasiva? Tão perniciosa? Agora Raul se dava conta de que o medo não era um inimigo, e que mesmo o pavor — na medida certa — poderia servir como passagem, como portal. Mas para o quê? Para onde? Que tipo de energia corruptível era aquela?

Vinha do chão, como se a terra exsudasse seus próprios terrores. Sob o travesseiro, o celular emitiu um bip curto, uma mensagem, um emissor. 83858. 83858.

Raul conhecia aquela mensagem. Estaria de volta? Tudo o que ocorreu em Terra Cota estaria prestes a acontecer de novo? Sentiu um incômodo no braço esquerdo, uma lembrança no ponto em que fora vacinado na campanha emergencial, depois da invasão de maritacas. Pinicava. Talvez fosse a escuridão, mas parecia haver algo luminescente ali. No pingo de luz que coçava e mordida.

Agora, o ruído parecia pronunciado. Raul saiu da cama e passou a vista pelo antigo Sony, que ficava a maior parte do tempo desligado desde os incidentes de 2021. Ele ouviu a voz de seu primo morto naquele mesmo rádio. Morreu menino, seis anos. Quando o aparelho falou com a voz dele, foi um choro lento e cortante, um pedido de ajuda. Talvez, de explicação. Por que morremos tão cedo? Para onde vamos depois?

Disseram pela cidade que tudo não passou de brincadeira, de um homem desocupado e mal-intencionado que criou uma espécie de Estação Pirata. Muita gente dizia que a explicação era *a mentira*, e que os eventos sobrenaturais eram verdadeiros de fato.

Pela janela do quarto de segundo andar, a cidade parecia sedada. As luzes de iodo da comunidade do Piolho, a cruz vermelha da igreja católica, a indústria de álcool azulada bem mais distante, que nunca parava de queimar.

Quando Raul trouxe a visão para perto, o concreto da calçada parecia estar se movendo. Os arrepios aumentaram, os olhos chegaram a lacrimejar; Raul quase desistiu de olhar. A luz de emergência do celular mostrou que não era o chão derretendo, mas algo rastejando sobre ele. Dezenas de ratos. Andavam organizadamente, um depois outro, discretos e concentrados. Moviam-se como uma trilha de formigas. O ruído desagradável que os motivava estava mais corpulento agora, e pela primeira vez o som parecia ter uma melodia.

“Na dúvida, eu ficaria longe dessa coisa”, Thierry o preveniu.

Raul pensou a respeito, mas a verdade é que não havia escolha. Aquele ruído tão desagradável que afugentava ratos, pestes e morcegos era como um carinho em seus ouvidos. Como uma língua úmida que incomoda, mas excita na mesma medida.



Orientou-se pelos animais em fuga.

Dentro da noite furiosa, Raul encontrou todo um ecossistema de ofendidos. Aranhas, formigas, seres cascudos e histéricos, mais ratos, morcegos e andorinhas desnorteadas. De alguma forma, aquele ruído era antinatural, até mesmo predatório. Era o que os bichos — e alguma parte dele — preconcebiam.

Mesmo sendo nascido em Terra Cota, Raul era urbano demais para conhecer toda a extensão da cidade. Conhecia sim uma ou duas propriedades rurais a poucos quilômetros da saída principal, a gruta do pecado e a casa de repouso onde se internara voluntariamente seu avô, mas seu conhecimento não passava muito disso.

Alguns meses atrás, estaria paralisado de receio, não só por temer o invisível, mas também pelos assaltantes e assassinos que vagavam pela noite. Via de regra teria ficado receoso quando percebeu que o ruído vinha das margens de concreto do rio Onça, que cortava Terra Cota, o rio já muito castigado, transformado em esgoto nos anos 1970. Como um manto de podridão, um borrão coagulado crescia nas águas e se esticava pela barragem. Escalava o concreto como mofo. Já havia alcançado uma árvore e a tomado em um enlace contaminado. A música vinha daquele ponto. Da coisa que tinha dentes, galhos, braços e cabelos. Do ser que o chamava noite após noite, como somente uma divindade poderia fazer. Talvez fosse uma convocação, tudo o que ouvia, tudo o que sentia. Talvez aquela coisa, aquele ente, fosse a resposta para todas as grandes perguntas. Era o que sentia agora, enquanto retirava sua última peça de roupas e se recostava a ela em um abraço devoto. Sim, penetrar o absurdo. Copular com ele. Receber as bênçãos da corrupção corpórea.

Logo Raul estava dentro da massa de carne, troncos e podridão, e ela também começava a entrar nele. Longe de ser agradável, a sensação era dolorosa, como se o interior das aberturas de Raul estivesse sendo expandido por pequenas farpas e lanças. A música cada vez mais alta, as escalas brotando, os arpejos crescendo. De onde vinha? Por que tinha um efeito tão devastador sobre ele? Por quais estradas aquele ruído tão fluido já havia caminhado? Quem o concebia?

Não importava. A única razão daquela noite era não sentir medo, ainda que, para isso, a decisão final fosse se entregar totalmente a ele, ao medo. Talvez tenha sido essa a escolha final do homem que renasce todo o Natal, do homem que foi mais que um homem. Talvez ele tenha sido o primeiro de muitos a escolher renascer através do horror.

**CESAR BRAVO** conquistou o gênero horror em 2017, com o reconhecimento dos leitores, livreiros e da crítica especializada. Desde então, o autor já publicou pela DarkSide® Books: *Ultra Carnem* (2016), VHS: *Verdadeiras Histórias de Sangue* (2019), DVD: *Devoção Verdadeira a D.* (2020), o romance *1618* (2022) e, em novembro de 2023, publicou *Amplificador*, obra que elevou a união entre o horror e o sci-fi a novas potências.

